

História da Filosofia

54 Kant sobre Metafísica

Por Dr. Arthur Holmes, do Wheaton College

Muito bem, então, esta tarde, ao analisarmos a dialética transcendental de Kant, lidaremos, na verdade, com sua atitude em relação à metafísica. As duas seções anteriores da Crítica da Razão Pura introduzem a epistemologia; a estética transcendental, naturalmente, relaciona-se com a percepção sensorial; a analítica transcendental, com os juízos que fazemos, com os entendimentos que possuímos, em virtude das categorias a priori, os conceitos que interpretam a experiência. Ora, o propósito de toda a crítica é, na verdade, indagar se a metafísica racional, a metafísica racionalista, é possível.

Será possível o projeto iniciado por Descartes? Será que o tipo de metafísica que, com ambições semelhantes, foi proposto em bases empíricas por alguém como John Locke, é realmente possível? A possibilidade da metafísica. E já nas duas primeiras seções da Crítica da Razão Pura, que tratam da epistemologia, ele deixa bem claro que nosso conhecimento se estende apenas aos fenômenos, às aparências, às coisas como nos parecem, e não às coisas em si mesmas, aos númenos, à realidade, ao objeto em si. Portanto, já se antecipa uma resposta negativa à questão.

É possível uma metafísica racional? Não. Pelo menos não uma metafísica racional com a certeza que ela exige para o conhecimento. Ora, o que ele faz na dialética, contudo, é examinar dialeticamente os argumentos apresentados pelos metafísicos.

Uma coisa é dizer de antemão que algo não é possível. Outra coisa é examinar as provas do metafísico e demonstrar que elas não funcionam. E é exatamente isso que ele está fazendo.

Assim, a dialética transcendental é sua tentativa de analisar argumentos referentes à mente, ao cosmos físico e a Deus, e de mostrar que, em virtude do uso inevitável de conceitos a priori que não se aplicam, até onde sabemos, à realidade, as próprias provas não nos fornecem nenhum conhecimento da realidade. Essa é, portanto, a direção geral que ele está seguindo. E você se lembra do meu comentário anterior de que, na introdução, ele observa que vai eliminar o conhecimento para dar lugar à crença.

Então ele faz isso na dialética e, no final, aborda a questão da crença. Não possuímos conhecimento metafísico, mas podemos ter todo tipo de crença metafísica. E é essa distinção entre conhecimento e crença que é crucial para Kant, assim como o é, naturalmente, para David Hume.

Certo? Então, se você voltar à linha divisória de Platão, verá que o Iluminismo pressionou toda a área do conhecimento humano com certezas absolutas e, ao constatar que isso não era possível, recuou para o nível da crença. Mas ainda é importante, como era para Platão, distinguir entre crenças que parecem ser justificáveis e, por outro lado, o que é ficção, mera imaginação ou ilusão. E Hume já fez essa distinção por si mesmo.

Kant, obviamente, terá que fazer isso. Então, a dialética tem suas três partes. Agora, em cada caso, o que ele está tentando fazer é apontar problemas lógicos, e ele rotula o problema; no caso da mente, argumentos para a existência da mente; ele rotula o problema de paralogismo.

Ora, um paralogismo é um passo que vai além da lógica. Além da lógica. Em outras palavras, os argumentos falham porque a conclusão extrapola o que pode ser provado logicamente.

Além do que as premissas exigem. Paralogismos. Quando chegamos à seção de cosmologia, ele fala de antinomias.

Uma antinomia ocorre quando é possível apresentar tanto o argumento a favor de uma tese quanto o argumento contra ela. Você pode provar tanto A quanto não-A. Que pena.

O que você vai fazer então? Bem, nesse caso, novamente, você tem algo que viola as leis da lógica. É contra o nomos, a lei. O que é contra as leis da lógica? Bem, a lei da lógica é a lei do terceiro excluído, A ou não-A.

E agora você tem ambos, A e não-A. Portanto, uma antinomia é contrária à lei da lógica. No caso dos argumentos a favor da existência de Deus, ele não nomeia o tipo de falácia envolvida.

Ele afirma que o resultado dos argumentos é um ideal . Um ideal para o pensamento humano. Ele tem a liberdade de dizer que é um ideal que a mente humana busca, deseja e precisa para complementar e unificar nossa compreensão das coisas.

Mas é um ideal que, no fim das contas, não é comprovado, embora possa ser postulado. Postular algo é, naturalmente, propô-lo, apresentá-lo, sustentá-lo. E não comprová-lo.

Portanto, nos três casos, o resultado é o mesmo, ou seja, as teses não são comprovadas. Agora, vamos começar com a psicologia racional , os paralogismos. E acho que vocês podem perceber rapidamente como isso funciona.

Acho que esta é a mais fácil das três seções. O que ele faz é apontar que toda a ciência da psicologia racional, como é chamada, começa com o cogito de Descartes, creio eu. E de um ponto de vista histórico, isso está correto, porque o tipo de metafísica de que ele está falando é o tipo que se desenvolveu desde Descartes, e naquela tradição racionalista alemã, em particular, onde era comum dividir a metafísica em três subdisciplinas, com essas mesmas denominações: metafísica da época.

E voltando a Descartes, certamente a psicologia racional começa com o seu cogito. Vocês se lembram do cogito de Descartes, ergo sum. Penso, logo existo.

O que sou eu? Sou uma coisa pensante. Res cogitans. Uma substância pensante.

Uma coisa pensante. Ora, esse é o argumento cartesiano, seguido por outros como Locke e Berkeley, o argumento a favor de uma substância da alma. A mente, a alma, é uma coisa.

A coisa que pensa. Agora, sua objeção é à introdução do termo raça ou substância. E se você, como suspeito que não fez, memorizou aquelas 12 categorias kantianas — eu disse que não, mas você pode revisá-las —, e uma delas é a categoria de substância.

Você verá. Então, se você voltar àquele material anterior na crítica, na página 389, na tabela de categorias, você se lembra de quantidade, qualidade, relação e modalidade; as categorias de relação começam com a relação entre substância e acidente. Substância e qualidade.

Substância e acidente. Ora, o seu argumento é que a ligação entre um acidente e o seu substrato subjacente é uma relação desconhecida. Temos o conceito que impomos às coisas.

Então, o que está acontecendo neste argumento cogito ergo sum? Está tudo bem no que diz respeito à soma. Eu estou. Mas assim que você introduz a condição de corrida, você está adicionando algo ao que já é conhecido diretamente.

Você está adicionando a noção de substância. Agora, pensando bem, isso é a propriedade, a qualidade, o atributo. Mas se não conhecemos nenhuma conexão entre as propriedades e suas substâncias, então não podemos fazer uma inferência lógica a partir da propriedade, eu acho.

Portanto, em conclusão, sou uma substância pensante. O problema é que a concepção a priori de substância se intrometeu, e não possui nenhuma referência objetiva da qual tenhamos conhecimento. Ora, dito isso, Kant, por outro lado, compreende por que somos levados a dar esse salto lógico.

Dizer que sou uma substância, uma coisa pensante, implica continuidade de existência. Portanto, é um veículo pelo qual afirmo que o eu que pensa agora e o eu que pensou naquela época, quando me lembro de estar pensando, e é o eu que estarei pensando amanhã, quando penso em ter pensado isso hoje. Assim, a intrusão do conceito de substância não é algo ruim.

Simplesmente afirma mais do que é logicamente possível. Também protege contra o perigo do materialismo. E para Kant, esse é um perigo.

Ele não gosta disso. Veremos mais sobre isso adiante. Mas Kant tem muito medo de que uma leitura realista da ciência newtoniana, com seus mecanismos causais cegos, produza algum tipo de universo determinista no qual não exista liberdade nem responsabilidade moral.

Consequentemente, ele quer se proteger dos perigos, como ele os chama, do materialismo. E a intrusão da ideia de substância única, é claro, é uma negação de qualquer reducionismo de cunho materialista. Mas o que acontece é que a introdução de uma substância única introduz um problema mente-corpo.

Qual é a relação entre a substância da mente e a substância do corpo? Agora, lembre-se de que esse é o trocadilho horrível de novo, lembre-se de que nem a mente nem o corpo são, segundo Kant, conhecidos como substância. Portanto, o problema mente-corpo, no sentido da relação entre duas substâncias, é um pseudoproblema. Mas é um pseudoproblema criado pela intrusão do conceito de substância.

E você encontrará um trecho em que ele observa que existem três tipos de resposta para esse problema. Há a resposta de que existe algum tipo de conexão causal. A causalidade física está envolvida.

Você pode pensar que isso soa como Descartes. Mas, obviamente, isso introduziria outro conceito a priori, o conceito de causalidade. A alternativa seria dizer que existe alguma harmonia preestabelecida entre os dois.

Esse é Leibniz. E a terceira alternativa é dizer que há auxílio sobrenatural. E isso, claro, é o ocasionalismo, que afirma que é Deus quem produz os efeitos correspondentes.

Mas isso seria falar de algo que desconhecemos. Portanto, o fato de termos hipostasiado significa tratá-lo como uma substância. Hipóstase, palavra grega para substrato, substância.

É o termo usado na linguagem trinitária da igreja primitiva. Três hipóstases em uma só essência, significava três pessoas em uma só essência. Mas hipóstase é tratar como uma substância, como algo com entidade duradoura.

E hipostasiar mente e corpo, como fazemos, é logicamente um paralogismo. Vai além do que a lógica permite. Ora, esse é apenas um dos paralogismos envolvidos na psicologia racional.

E é essa que foi apresentada na antologia. Mas há outras três também. E se você olhar para a página 418, poderá ver rapidamente quais são as outras.

E se quiser, você pode pegar um exemplar completo da Crítica da Razão Pura na biblioteca e ler o que ele diz sobre todas as outras. Mas elas decorrem naturalmente da primeira. Não se trata apenas de a alma ser substância.

Isso se enquadra nas categorias de relacionamento. Mas, em segundo lugar, no que diz respeito à qualidade, as categorias de qualidade são simples. Ou seja, é o que é, indivisivelmente.

Indivisivelmente. E se você voltar às categorias listadas em 389, as categorias de qualidade, de relação, negação, limitação, das qualidades lógicas, proposições afirmativas, proposições negativas e proposições indefinidas. Então, dizer que é simplesmente o que é, é atribuir realidade.

Então, esse é outro conceito a priori introduzido. O número três, ele diz, tem a ver com os diferentes momentos em que existe; é numericamente idêntico em sua unidade. Isso parece ser uma categoria de quantidade.

A quantidade possui sua própria identidade singular ao longo do tempo. Esse é outro conceito a priori. E o número quatro, em relação aos possíveis objetos do espaço, está implícito no problema mente-corpo.

Em relação aos possíveis objetos do espaço, da possibilidade e da necessidade, temos mais uma categoria. Ele então percorre os quatro tipos de categorias — quantidade, qualidade, relação e modalidade — e mostra como, na psicologia racional, todos os quatro tipos de categorias estão envolvidos. Assim, o que realmente temos nesse ramo da metafísica é uma construção imaginativa composta por esses conceitos a priori impostos à nossa experiência concreta, a introspecção reflexiva.

Agora, ficou claro? Comentários? Perguntas? Vocês estão olhando fixamente. Quer dizer que é tão fácil assim? Sim, na verdade é isso mesmo. O ponto dele é que essas categorias a priori são categorias de compreensão; não são categorias da realidade.

Como não são categorias da realidade, elas comprimem a entrada empírica em formas irrealis de pensar. E, como resultado, não apenas o "cogito ergo sum" (o que sou eu?), a questão da raça cogitana, mas também a afirmação de que "eu, como um ser pensante, me relaciono com coisas extensas" não se aplicam.

Eu, como ser pensante, me estendo para trás no tempo e assim por diante, mas isso também não se aplica. Eu, como ser pensante, possivelmente posso me estender para o futuro, mas isso também não se aplica. Vou cobrir esses cabos antes que eu tropece.

Isso seria outro paralogismo. Certo, então, algo sobre psicologia racional? Parece simples? Eu disse que Kant deveria ter dito isso de forma muito mais concisa. É possível.

Certo, lembre-se de que ele não está negando a existência da substância da alma. Ele está dizendo que você não tem um argumento válido.

Talvez sejam todo tipo de argumentos ruins em nome de boas causas. Ele não está negando. Mas também não está afirmando.

Quando se trata de falar sobre Deus, veremos que ele afirma a existência de Deus, mesmo dizendo que você não tem um bom argumento. E em relação à alma, ele parece dizer que você não tem um bom argumento, mas não está preparado para afirmá-la, pelo menos neste momento. Certo, cosmologia racional envolvendo essas verdades conflitantes.

E aqui, se quiser, abra na página 428. 429 ali. 428, 429.

O argumento dele aqui é que os termos alma e mundo não devem ser considerados representações da realidade, mas sim conceitos que ele chama de reguladores. No sentido de que regulam o que dizemos. A alma é reguladora porque nos impede de cair no materialismo.

O mundo também é um conceito regulador. Ele regula a maneira como sintetizamos nosso pensamento sobre as coisas físicas. A maneira como projetamos nossa experiência.

Agora, na página 429, vemos que ele faz praticamente a mesma coisa que fez com a psicologia. Aqui temos, novamente, a identificação de quatro áreas da cosmologia, como ele mesmo diz, logo acima da divisão, de acordo com os quatro títulos das categorias: quantidade, qualidade, relação e modalidade.

Então, você percebe que a primeira questão trata da completude absoluta da composição do todo, enquanto a segunda trata da divisão, se é infinitamente ou

finitamente divisível. A primeira diz respeito à extensão finita ou infinita do cosmos no tempo e no espaço. Portanto, a primeira questão tem a ver com essa extensão infinita, espaço e tempo.

A segunda diz respeito à divisibilidade finita ou infinita, à possibilidade de fragmentação. A terceira tem a ver com a relação, a origem. E a quarta tem a ver com a modalidade, a dependência completa, a contingência ou a necessidade.

Assim, cada uma das categorias está novamente envolvida. Em seguida, ele aborda cada uma delas por sua vez. E na página 433, você pode ver a estrutura do seu raciocínio.

A tese é que o mundo tem um início no tempo e é limitado também em relação ao espaço. Sua duração é finita no tempo e sua extensão no espaço. A antítese é o oposto.

O mundo não tem começo, não tem limites, mas é infinito em relação ao tempo e ao espaço. E ele vai demonstrar isso... Ora, o procedimento dele é o que em lógica chamamos de redução ao absurdo. Você deve se lembrar, e espero que se lembre, das suas aulas de lógica, e se você não fez um curso de lógica, está empobrecido.

Uma redução ao absurdo começa assumindo a falsidade da tese. Se a tese é falsa, o que se segue dela? E então você demonstra que o que se segue e deveria ser verdade com base na falsidade da tese, o que deveria ser verdade, é em si falso. Portanto, se isso é falso, então a negação da tese é falsa, e a tese é verdadeira.

Entendeu? Coloque no papel e você verá. Ok, para provar A, você começa afirmando que A não é verdadeira. Se A não é verdadeira, então B é verdadeira. Mas B é falsa, portanto A é verdadeira.

De novo, você está com cara de paisagem. Deve ser Dia dos Namorados ou algo assim. Você não adora isso? Dia dos Namorados, você não adora isso? Muito bem, a linha ondulada é a negativa.

Pelo menos você está acordado. A linha ondulada é a negativa. Não é A. Certo, não é A implica B. Ok, mas não é B. Agora, se você negar a consequente, você nega o antecedente.

Não A. Ou seja, A. Então você provou A. Agora, esse é o procedimento dele nessas demonstrações. E você pode acompanhar por si mesmo. No primeiro caso, ele começa, veja bem, se assumirmos que o mundo não teve um começo no tempo, então uma eternidade deve ter transcorrido até cada ponto dado no tempo.

Portanto, uma série infinita de estados de coisas deve ter ocorrido no mundo. No entanto, eis a questão: uma série infinita consiste no fato de que ela jamais pode ser concluída. Logo, uma série infinita é impossível.

E o início do mundo é uma condição necessária para a sua existência. O mundo teve um começo. Isso era o que precisava ser provado.

QED. Pronto. Então ele faz esse tipo de coisa com a tese e a antítese.

Em ambos os casos, o resultado é que tanto a tese quanto a antítese se provam verdadeiras. Ah, isso é uma antinomia, não é? Contradição da lei da não contradição. Bem, ele faz o mesmo novamente com o segundo exemplo, no versículo 436.

Toda substância composta no mundo é formada por partes simples. Nada existe em lugar algum além do simples ou do que é composto dele. Existem unidades indivisíveis, entende?

Na antítese, nenhuma coisa composta consiste em partes simples. Não existe em lugar nenhum do mundo nada simples e indivisível. Bem, a prova dele começa assumindo o oposto.

Na tese, ele diz, vamos supor que as partes compostas, as substâncias compostas, consistissem de partes simples. E lá vai ele para a redução ao absurdo. O mesmo acontece novamente no terceiro conflito, na página 440.

A causalidade, segundo as leis da natureza, não é a única causalidade da qual se podem deduzir todos os fenômenos do mundo. Para explicar esses fenômenos, é necessário admitir outra causalidade, a da liberdade. Na antítese, não há liberdade.

E lá vai ele de novo. E no quarto caso, no 444, e assim por diante. Então, o que ele faz nesses casos é argumentar que não podemos provar nada por causa dessas contradições.

Não podemos provar nada sobre a infinitude do cosmos no tempo e no espaço em contraposição à sua finitude. Não podemos provar nada sobre a divisibilidade em oposição à indivisibilidade. Nada sobre o determinismo em contraposição à liberdade.

Nada sobre necessidade versus contingência. Como os argumentos têm o mesmo peso em ambos os lados, na verdade não podemos provar absolutamente nada. E, como resultado, chegamos ao que encontramos na página 447.

Sua conclusão para esta seção é o que ele chama de idealismo transcendental. Observe que a frase está em *italico*. Idealismo transcendental.

Sim, o realismo transcendental transformaria meras representações em coisas em si mesmas. Já na segunda coluna, o idealismo transcendental, ao contrário, admite que os objetos da intuição externa podem ser reais, tal como percebidos no espaço e no tempo, tal como representados, mas o próprio espaço, assim como o tempo, com todos os seus fenômenos, não são coisas em si mesmas. Não podem existir fora da mente.

Assim, sua distinção fenomenal-noumenal é mantida. Você acompanha essa linha de raciocínio? Vejo David assentindo com a cabeça. Certo.

Bastante simples. Em seguida, volte sua atenção finalmente para a seção de teologia racional, que começa na página 463. E aqui, aqui, o que ele está fazendo envolve os três argumentos para a existência de Deus, que até então eram as provas tradicionais.

São eles: primeiro, o argumento ontológico; segundo, o cosmológico; e o terceiro, ao qual ele dá o nome pomposo de físico-teológico, é na verdade simplesmente uma versão do argumento teleológico. Certo. Esses são também os três argumentos discutidos por Hume em seus Diálogos sobre a Religião Natural.

Certo. Então, nesse ponto, a agenda é a mesma. Se você disser: "Não, espere um minuto, não existe um argumento moral para a existência de Deus?", sim, mas foi Kant quem o apresentou primeiro.

Isso vem depois. Agora, o argumento ontológico, então, em primeiro lugar, você já o conhece de Anselmo, de Descartes, e assim por diante, a ideia de um ser que necessariamente existe. Qual é o problema aqui? Bem, o problema dele é que isso introduz a concepção de necessidade.

Isso introduz o conceito de necessidade. Digamos assim: Deus existe. Que tipo de proposição é essa? Agora, tenha cuidado.

Kant afirma que não se trata de uma proposição. Uma proposição possui sujeito e predicado. A existência não é, logicamente, um predicado.

Entende? Porque quando você predica algo, você atribui uma propriedade. A existência não é uma propriedade.

Dizer que Deus existe é simplesmente dizer, deixando o resto da frase em branco. Portanto, quando o argumento ontológico afirma que Deus necessariamente existe, ele afirma que Deus é um ser necessário. É preciso predicar algo.

Mas assim que você predica a necessidade, você está invocando um conceito a priori. Entende? Uma das categorias de modalidade, contingência e necessidade.

Então, o argumento ontológico, veja bem, tentando desvendar o conceito de Deus como um ser necessário, acho que já o fiz aqui, invoca o conceito. Ele pergunta: esta é uma afirmação analítica? Veja bem. Não.

Não se trata de uma afirmação analítica. Logicamente, o termo Deus, um nome definido, ou qualquer outra coisa, não é logicamente o mesmo que necessidade. Não é analítico.

Deve ser sintético. Mas de onde vem, então, a ideia de necessidade? Veja bem. O argumento ontológico envolve a priori.

É problemático. É simplesmente uma cópula, ligando o sujeito ao predicado. Ora, o argumento cosmológico, o argumento cosmológico, depende realmente do ontológico.

Porque o argumento cosmológico argumenta sobre dependência causal. Dependência causal. Ou seja, pressupõe a contingência do cosmos em relação a um ser necessário.

Assim, pressupõe exatamente o que o argumento ontológico pressupõe. O argumento cosmológico pressupõe a conclusão do argumento ontológico. Ora, é claro, ele também poderia ter dito que o próprio conceito de causalidade é uma categoria a priori.

Entende? Muito bem. E então o argumento teleológico, o físico -teológico, o argumento teleológico.

Bem, o que se tenta fazer é falar sobre a ordem do cosmos. A ordem das coisas. A unidade ordenada que observamos.

E tirar uma conclusão a partir disso. Mas esse tipo de argumento parte da forma, não da existência material do cosmos. Argumentar a partir da forma que ele possui é defender algum arquiteto ou projetista.

Veja bem. Mas você não pode afirmar a existência de um criador como esse sem partir do pressuposto da existência desse universo ordenado. Mas isso implicaria um argumento cosmológico para a sua existência .

Portanto, o argumento teleológico dependeria do argumento cosmológico, que depende do argumento ontológico. E como o argumento ontológico falha, nenhum deles funciona. Essa é a linha de raciocínio dele.

Quer que eu repita? Certo. A conclusão, e depois voltamos. A conclusão é que o argumento teleológico depende do argumento cosmológico, que depende do argumento ontológico.

Já que o argumento ontológico falha ... Ok. Vamos usar um argumento teleológico ...

Certo. O argumento teleológico é um argumento da ordem para um ordenante. Portanto, se um universo ordenado existe, sua causa deve necessariamente ser um ordenante.

Agora você introduziu algo mais, que é o tema do argumento cosmológico. E o argumento cosmológico afirma que deve ser uma causa necessária. Mas a ideia de um ser necessário, Deus é um ser necessário, é o que o argumento ontológico aborda.

Então. Ok. Sim.

Sabe, e obviamente, a pergunta que surge é: por que isso não põe fim a todos os argumentos teístas desse tipo? Veja bem. E a resposta, creio eu, é dupla. Uma muito óbvia: nem todos concordam com a epistemologia de Kant.

E se a epistemologia de Kant estiver errada e as categorias não forem puramente a priori, então toda a refutação dos argumentos de Kant não funciona. Entende? Em outras palavras, se você puder estabelecer a realidade objetiva de coisas como contingência e necessidade, dependência causal, então você poderia fazê-los funcionar.

Veja bem, eu tenho um amigo que costumava dar aulas aqui conosco, Stuart Hackett, que escreveu um livro chamado "A Ressurreição do Teísmo", no qual ele argumenta que as categorias, essencialmente as categorias de Kant, não são apenas categorias de pensamento, mas também categorias da realidade. Entende? O argumento dele para isso é: quais são as alternativas? Uma das alternativas é o ceticismo.

Essa é uma possibilidade absurda. Entende? Portanto, se você pretende ter algum conhecimento, as categorias precisam se aplicar à realidade.

Na prática, é isso que ele argumenta. Mas se as categorias se aplicam à realidade, então as provas devem funcionar. Ou pelo menos a objeção de Kant não funciona.

Assim, ele adota o que Leibniz chama de teoria da pré-formação. Pré-formação entre o pensamento e as coisas. Uma vez que nosso pensamento está adaptado à maneira como as coisas são, as categorias funcionam.

Então, obviamente, essa é uma maneira de abordar a questão, seja pelo método de Hackett com categorias ou por um método diferente, mais empírico. A outra alternativa, claro, é argumentar que a existência é um predicado próprio. Se a existência é um predicado próprio, então a conclusão de uma demonstração pode ser simplesmente: portanto, Deus existe.

E você não tem essa questão da necessidade pairando por aí para confundir as coisas. Então você acaba tendo acesso a esse tipo de alternativa. Mas este é o trecho clássico de Kant.

Tenho a impressão de que, entre as duas abordagens, a de Hume e a de Kant, a de Hume teve uma influência mais duradoura. Talvez porque os diálogos sejam mais legíveis do que a Crítica da Razão Pura. Sim.

Penso que a posição de Kant teve uma influência tremenda, mas simplesmente por causa de sua epistemologia, não pela maneira como ele a desenvolveu nessas desprobes. Portanto, Hume é, nesse sentido, mais importante na discussão propriamente dita das demonstrações. Certo.

Agora, com esse tratamento da metafísica, onde isso o deixa? Bem, o deixa na página 480. E confira. Confira.

Kant afirma que não podemos provar a existência de Deus. Não podemos saber, nesse sentido iluminista de conhecimento, que Deus existe. Há mais alguma coisa que possamos saber sobre o cosmos?

Ou saiba que você é uma substância da alma. Não podemos saber essas coisas. A ideia de Deus, no entanto, é um ideal.

É um ideal, um conceito, que criamos porque completa todo o escopo do nosso suposto conhecimento. Ele coroa tudo o mais. Veja na página 480, segunda coluna, novo parágrafo na metade da página.

O uso puramente especulativo da razão, portanto, faz com que o ser supremo permaneça apenas um ideal, mas um ideal sem falha. Um conceito que completa e coroa todo o conhecimento humano. Cujas realidade objetiva, embora não possa ser provada, também não pode ser refutada.

Portanto, se deveria haver uma ético-teologia, e não uma físico-teologia, ele está contrastando as duas. O argumento teleológico foi rotulado por ele como físico -

teológico. Agora ele está considerando outra possibilidade: o argumento ético - teológico.

Se houver uma ético -teologia para suprir essa deficiência, a teologia transcendental, antes problemática, se mostrará indispensável para determinar seu conceito, testando constantemente a razão, tão frequentemente enganada pela sensibilidade, nem sempre em harmonia com suas próprias ideias. Eis, portanto, um ideal. E se pudermos provar a existência desse ser, então o ideal que temos do argumento teleológico poderá entrar em jogo.

E podemos afirmar que Deus é de fato o ordenador , o arquiteto, o sábio projetista de todo o cosmos. Certo. Sim, porque, e isso está no parágrafo anterior, apesar da insuficiência da prova, a teologia transcendental tem um uso negativo muito importante.

Veja bem, é um conceito regulador. Ele regula o seu pensamento sobre Deus. Portanto, se você puder provar que Deus existe de alguma outra forma, então a sua concepção de Deus será regulada por esse ideal transcendental.

Certo. Agora, isso o leva à seção final intitulada opinião, conhecimento e crença. E eu recomendo que você leia essas duas, duas páginas e meia com muita atenção, porque elas são cruciais para entender a intenção de Kant em toda a crítica e essenciais para entender o que vem depois em seus outros escritos.

Por que, por exemplo, sua obra mais curta sobre metafísica é chamada de prolegômeno para qualquer metafísica futura? Veja bem, ele se despediu da metafísica racionalista do passado, mas está se dedicando a uma metafísica futura. Entende?

E aqui você encontra sua primeira pista sobre algo relacionado à metafísica futura. No versículo 381, ele fala de crença doutrinária. Ele fala de crença doutrinária .

E ele fala de crença moral. Esses dois tipos. Dois tipos de crença.

A crença doutrinária tem a ver com esse ideal que nos leva a acreditar em certas coisas sobre Deus como uma inteligência suprema que ordenou as coisas para os fins mais sábios. Entende? Mas, por outro lado, a crença moral nos leva além.

A crença doutrinária é bastante instável porque você não pode provar a existência desse ser. Mas a crença moral é diferente. Veja a parte inferior da segunda coluna na página 481.

Porque a crença moral se baseia na ação. Ou seja, é Baseado no fato de que devo obedecer à lei moral em todos os pontos. Entende?

E ele prossegue sugerindo que, se eu devo obedecer à lei moral, isso tem implicações adicionais quanto à validade prática da existência de Deus e do mundo futuro. E logo no início do versículo 482, ele afirma que nada pode abalar essa crença. É uma convicção não lógica, mas uma certeza moral.

Baseia-se em fundamentos subjetivos, no fato de eu ter certeza moral. Veja bem, não existe certeza lógica, mas existe certeza moral. Se estamos moralmente vinculados a uma lei moral, então, seja o que for que decorra da existência de uma lei moral, eu estou moralmente comprometido com ela.

E ele nos ajuda, então, a antecipar o argumento moral para a existência de Deus, que ele desenvolve não aqui, mas sim na crítica da razão prática, com base em uma ética elaborada. Assim, o resultado da crítica da razão pura, como ele diz na introdução, é que ela elimina o conhecimento, abrindo espaço para a crença. Entendeu? Bem, essa foi uma breve visão geral da dialética.

Abrange tudo. Ok, perguntas, comentários, discussão. O quê? Você não está falando tanto hoje.

Em relação ao argumento ideológico, o que ele seria capaz de fazer em resposta a isso? Se houvesse uma visão teológica diferente, não de que o criador fosse o projetista, mas de que, de alguma forma, a matéria já existia, ou o mundo existia na ordem do projetista, se ele começasse dizendo: "Sabemos da existência de um mundo material, e esse mundo material também é muito ordenado", ele teria a existência na premissa e poderia levá-la à conclusão. Ele ainda teria que trabalhar no conceito de causa e efeito.

Mas como ele poderia dizer que a matéria existe se ele ainda não fez as pazes com os críticos sobre o conceito de causa e efeito? Entende ? Pois é. Agora, veja bem, esse é o tipo de coisa que os realistas escoceses fazem. Pessoas como Thomas Reid.

Thomas Reid, não sei se ele aborda isso em detalhes, mas parece dizer que, em virtude de nossas crenças naturais, das faculdades humanas funcionarem dessa maneira, de nossa crença natural na existência de coisas materiais e na existência de relações causais e assim por diante, podemos provar a existência de Deus como o criador. E quando lemos Charles Hodge, o teólogo de Princeton de cerca de 140 anos atrás, 130, cuja teologia sistemática é uma das teologias presbiterianas padrão, ele está se baseando nesse realismo escocês. Então, o que ele faz? Ele utiliza os argumentos cosmológicos e teleológicos .

Ele não precisa se preocupar com as questões ontológicas. Se você não parte do conceito, parte daquilo que realisticamente se apresenta. Sim, senhor? Mas Kant não poderia responder a esse tipo de argumento dizendo que, como impomos essa

ordem, então não se pode argumentar a partir dela, porque você mesmo a impõe? Sim, mas veja bem, é aí que reside a diferença epistemológica entre Kant e os realistas escoceses.

Eles não admitiriam que impomos nossos conceitos, não. Nós os obtemos de nossa experiência direta do mundo. Sua epistemologia é mais aristotélica.

Não no sentido de universais reais, mas no sentido de aprender a pensar abstratamente com base na experiência. Eu me perguntava, já que Kant afirma que ao menos temos conhecimento da nossa existência e das categorias de coisas dentro de nós, não poderia ele ter argumentado, a partir de um argumento teleológico, a favor da existência de Deus, com base no que sabemos de nós mesmos? Sim, e você verá isso na Crítica do Juízo, que abordaremos, se não na quarta-feira, na sexta-feira da próxima semana. Na Crítica do Juízo, ele faz isso. Ele fala sobre dois tipos de juízo.

Uma delas é o juízo estético, no sentido que damos à estética. A outra é o juízo teleológico. E ele argumenta que existem quatro maneiras diferentes de explicar a teleologia.

Quatro visões de mundo diferentes, e a noção de cosmovisão começa a surgir. E aquela que ele escolhe é a físico-teológica. Ou seja, aquela em que a ordem da natureza é divinamente criada.

E é uma espécie de argumento teleológico. Mas ele argumenta a partir da maneira como o espírito humano, com suas categorias, está perfeitamente adaptado para ter experiências na natureza, para desfrutar das belezas e da grandeza da natureza. Portanto, é mais um argumento baseado em nossas capacidades estéticas do que em nossas capacidades lógicas.

Portanto, Kant não apenas origina argumentos morais para a existência de Deus, mas também inicia argumentos estéticos para a existência de Deus. Sim, o argumento moral surge na Crítica da Razão Prática. O argumento estético, na Crítica do Juízo.

E não vejo nenhuma dependência entre os dois. Posso estar enganado, mas não consigo imaginar como um dependeria do outro. Ambos podem depender de certos aspectos de sua epistemologia, mas não creio que um dependa do outro . outro .

Bom, então vamos encerrar por hoje, por esta semana, por este fim de semana, e nos vemos na próxima quarta-feira.